



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ- REITORIA DE ENSINO DE EDUCAÇÃO
PLANO DE AÇÕES ARTICULADAS FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR

FRANCISCA FERREIRA BEZERRA

**A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: O LÚDICO E A LITERATURA
INFANTIL COMO FERRAMENTA DE ENSINO APRENDIZAGEM NO MATERNAL.**

CASTANHAL-PA
2017

FRANCISCA FERREIRA BEZERRA

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: O LÚDICO E A LITERATURA
INFANTIL COMO FERRAMENTA DE ENSINO APRENDIZAGEM NO MATERNAL.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará, como requisito
para a obtenção de grau em Licenciatura Plena
em Pedagogia, sob a orientação da prof^a Msc.
Fernanda Analena Ferreira Borges da Costa.

CASTANHAL-PA
2017

FRANCISCA FERREIRA BEZERRA

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: O LÚDICO E A LITERATURA
INFANTIL COMO FERRAMENTA DE ENSINO APRENDIZAGEM NO MATERNAL.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará, como requisito
para a obtenção de grau em Licenciatura Plena
em Pedagogia, sob a orientação da prof^a Msc.
Fernanda Analena Ferreira Borges da Costa.

Data de aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Orientadora:

Prof.^a Msc. Fernanda Analena Ferreira Borges da Costa

Prof.^a Msc. Rosiellem Cabral dos Passos de Almeida

Prof.^o Msc. Suani Trindade Corrêa

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angustia permitindo que eu alcance meus objetivos.

Ao meu esposo pela parceria e compreensão ao longo de nossas vidas, que de uma forma especial me deu força e coragem apoiando-me nos momentos de dificuldade.

Aos meus filhos que me mostraram uma força que eu não imaginava que existia em mim, por terem me guiado, animando e ajudando nos momentos mais difíceis dessa caminhada percorrida com muita força de vontade e fé.

A minha mãe Terezinha que sempre me mostrou o verdadeiro caminho com sua força e perseverança na minha educação, aos meus irmãos Antônio e Francisca por este amor incondicional que sempre se fez presente entre nós, nos mantendo unidos em todos os momentos.

Gostaria de agradecer imensamente ao amigo e vizinho Claudicélio Lopes pelo primeiro semestre de carona em pleno mês de julho, obrigada de coração!

Ao meu querido Ederson Silva por sempre se fazer presente quando mais precisei, me dando apoio e força nessa formação.

Aos meus amigos e familiares pelas alegrias e tristezas compartilhadas na correria a cada semestre.

As diretoras das escolas em que eu trabalho pela compreensão, apoio e incentivo nesta fase tão importante de minha vida.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela por onde hoje vislumbro um horizonte de novos desafios.

A minha orientadora Fernanda Analena pelo suporte que lhe coube, por suas correções e incentivo.

Aos meus amigos queridos e inesquecíveis da turma de pedagogia 06, que mesmo com tantas diferenças conseguimos equilibrar as emoções e superar as dificuldades.

Frequentemente é necessário ter mais coragem para ousar fazer o certo, do que temer fazer o errado.

(A. Lincoln)

BEZERRA, Francisca Ferreira. **A importância da contação de histórias: o lúdico na literatura infantil como ferramenta de ensino aprendizagem no maternal.** 44 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação). Curso de pedagogia. Universidade Federal do Pará, UFPA. Castanhal, 2017.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo principal demonstrar de que maneira a literatura infantil, bem como a contação de histórias se relacionam com a ludicidade e dessa forma, tornam-se uma ferramenta de ensino-aprendizagem no Maternal. Tomando como ponto de partida os estudos de Fanny Abramovich (2005) e Nelly Novaes Coelho (2000), pode-se analisar de que maneira a contação de histórias pode ser utilizada como um método para desenvolver, mesmo que de forma inicial, o gosto pela leitura nas crianças e também aguçar a criatividade e a imaginação, sendo estas algumas das mais importantes funções da literatura. Para tanto, foram estudados aspectos históricos da literatura infantil, as leis que amparam a literatura infantil e a ludicidade dentro do ambiente escolar. Este estudo também está fundamentado no que diz respeito à alegria de contar histórias e os requisitos necessários para esta atividade; sobre como utilizar a metodologia de contar história para desenvolver o gosto pela leitura e de como os recursos implícitos na contação de história favorecem a aprendizagem. Portanto, espera-se com este trabalho que haja um melhor entendimento de como a contação de histórias pode ser utilizada como ferramenta de ensino-aprendizagem no Maternal e como a criança reage ao receber os estímulos contidos na diversidade das histórias que, ao serem contadas, transportam os ouvintes para o mundo da imaginação.

Palavras-chave: literatura infantil, contação de história, ludicidade.

BEZERRA, Francisca Ferreira. **The importance of storytelling: the playful in children's literature as learning teaching tool in maternal.** 44 p. Graduation work (University Graduate). Pedagogy course. Federal University of Pará. UFPA. Castanhal, 2017.

ABSTRACT

The main objective of this present work is to analyze how children's literature as well as storytelling are related to playfulness and thus become a teaching-learning tool in the Maternal. Taking as a starting point the studies of Fanny Abramovich (2005) and Nelly Novaes Coelho (2000) one can analyze how the storytelling can be used as a method to develop, even if initially, liking for reading in children and also to sharpen creativity and imagination, and these are some of the most important functions of literature. We will study historical aspects of children's literature, the laws that support children's literature and playfulness within the school environment. This study is also based on the joy of storytelling and the necessary requirements for this activity; On how to use storytelling methodology to develop a liking for reading and how the features implied in storytelling favor learning. Therefore, it is expected with this work that there is a better understanding of how storytelling can be used as a teaching-learning tool in the Maternal and how the child reacts by receiving the stimuli contained in the diversity of the stories that, when counted, carry the Listeners to the world of imagination.

Keywords: children's literature, storytelling and playfulness.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA LITERATURA INFANTIL: A ORIGEM DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	10
1.1 Origens da Literatura Infantil no Brasil.....	14
1.2 A importância de Monteiro Lobato na Literatura Infantil Brasileira.....	16
2 LEIS RELACIONADAS À EDUCAÇÃO INFANTIL.....	18
3 AS CONTRIBUIÇÕES DAS ATIVIDADES LÚDICAS PARA A INFÂNCIA.....	21
3.1 Os caminhos percorridos pela ludicidade.....	22
3.2 O imaginário lúdico e a contação de histórias.....	23
4 METODOLOGIA.....	28
4.1 Participantes.....	28
4.2 Ambiente.....	28
4.3 Instrumentos para a coleta dos dados.....	28
4.4 Pesquisa de Campo.....	29
5 RESULTADOS DA PESQUISA.....	30
5.1 Frequência da contação de histórias em sala de aula.....	30
5.2 Finalidade da contação de histórias.....	31
5.3 Utilização de recursos para a contação de histórias.....	32
5.4 Técnicas para a contação de histórias.....	33
5.5 A contação de histórias e a receptividade das crianças.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

A contação de histórias na Educação Infantil estimula a curiosidade da criança, desperta o imaginário, a construção de ideias, expande seus conhecimentos e faz com que ela vivencie situações de alegria, tristeza, medo, entre outras, criando novas expectativas sobre o mundo ao seu redor.

A razão para o desenvolvimento deste trabalho é buscar entender de que maneira o aspecto lúdico se relaciona com a contação de histórias, contribuindo desta forma com o processo de ensino-aprendizagem dos alunos no Maternal.

O objetivo geral, portanto, é demonstrar de que maneira a literatura infantil, bem como a contação de histórias se relacionam com a ludicidade e dessa forma, tornam-se uma ferramenta de ensino-aprendizagem no Maternal em uma escola da rede privada no município de Castanhal – PA.

Na Educação Infantil a contação de histórias desperta nas crianças emoções e valores, pois, quando se conta uma história, têm-se o objetivo de também ensinar, instruir, educar e divertir. Sendo assim, tal prática pode tornar-se um importante auxílio à prática pedagógica de professores na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para a realização desta pesquisa, tomou-se como referencial teórico principal os escritos de Nelly Novaes Coelho (2000), bem como de Fanny Abramovich (2005) por compreender que tais autoras entendem a literatura como algo prazeroso e estimulante; tais ideias ainda foram relacionadas aos conceitos de outros autores

Diante disso esta pesquisa está organizada em capítulos encadeados de forma a contemplar a temática abordada, são eles:

O primeiro capítulo intitulado *Contextualização histórica da literatura infantil: a origem da contação de histórias* analisa o percurso histórico da literatura infantil desde o seu surgimento até os dias atuais.

O segundo trata sobre *As leis para a educação infantil* que, por sua vez, analisa as leis que regem a educação nacional no que tange a educação infantil e a importância que estas possuem para subsidiar e/ou respaldar o que se propõe com a pesquisa.

O terceiro capítulo denominado *As contribuições das atividades lúdicas para a infância*, relaciona a ludicidade e sua importância dentro do processo de aprendizagem da criança na primeira infância.

O quarto capítulo consiste na Metodologia empregada para a realização desta pesquisa e o quinto capítulo, por fim, apresenta os Resultados da pesquisa, que faz a análise da coleta de dados realizada para a execução deste trabalho.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA LITERATURA INFANTIL: A ORIGEM DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

As histórias devem ter nascido com o homem, no momento em que ele sentiu necessidade de contar aos outros algumas experiências de vida que poderiam ter significado, ou mesmo importância para todos. Contar histórias é uma atividade que ocupa a imaginação humana há milhares de anos. Pessoas de todos os lugares contam histórias para transmitir algum ensinamento, alegrar, relatar, relembrar ou apenas passar o tempo. As pessoas começaram a contar histórias muito antes de a escrita ter sido inventada.

A literatura infantil, por sua vez, surgiu no século XVII, com o intuito de educar moralmente as crianças. Tais histórias tinham um aspecto maniqueísta, com intuito de distinguir o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado. A maioria dos contos de fadas, fábulas e mesmo muitos textos contemporâneos incluem-se nessa tradição. Desse modo, podemos perceber que os limites da literatura são sempre imprecisos e desta feita, Coelho (2000) ressalta que cada período entendeu e produziu literatura do seu modo, e reconhecer isso é compreender as particularidades de cada momento da nossa história, em permanente evolução. E sobre o conhecimento histórico da literatura infantil, a autora afirma que “conhecer a literatura que cada época destinou as suas crianças, é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e fundamenta...)” (COELHO, 2000, p.24).

Segundo RADINO (2003), quando começaram a ser escritos, os contos não eram direcionados ao público infantil, já que não havia uma concepção de infância tal qual a conhecemos hoje. Como nos mostra ARIËS (1981), até o século XI, as crianças viviam sem serem percebidas, em uma completa “obscuridade”, à medida que iam crescendo passavam a viver no meio de adultos e eram tratadas como tais. Somente após o século XIII, a infância passou a ser concebida de forma diferente.

Naquela época, as famílias tinham muitos filhos na esperança de que ao menos um sobrevivesse até a vida adulta, assim os pais não se apegavam aos pequenos, pois eles representavam apenas mais uma perda. Assim o conceito de família na elite medieval existia apenas como forma de preservar os bens materiais; os filhos eram considerados como um meio de dar continuidade à honra da família e ao trono.

Entre as classes menos favorecidas, dos camponeses, por exemplo, a forma com que a criança era tratada e sua importância era ainda pior: entre eles, ter mais de um

filho representava ter mais “uma boca para alimentar”, ou seja, filhos representavam um peso para as famílias, que viviam em situação de miséria. Registros feitos por Robert Darnton (apud RADINO, 2003) mostram que o abandono dos filhos era comum para que os camponeses não passassem de miseráveis a indigentes, como nos mostra o conto *O Pequeno Polegar*, narrado por Charles Perrault (1628-1703), em publicação de 1691:

Chegou um ano muito ruim, e a fome foi tanta, que aquela pobre gente resolveu se desfazer dos filhos. Uma noite, enquanto as crianças dormiam, o lenhador estava ao pé do fogo com a mulher e disse, com o coração apertado de dor:

- Como você bem vê, não podemos mais alimentar nossos filhos. Não suportaria vê-los morrer de fome diante dos meus olhos. Resolvi levá-los amanhã cedo até o bosque e deixá-los se perderem. Vai ser fácil. Enquanto eles se distraem fazendo feixes de gravetos, nós dois fugimos antes que nos vejam. (PERRAULT apud RADINO, 2003, p.64)

Todo esse contexto deve ser levado em conta quando fazemos uma análise dos contos e suas transformações ao longo da história. Essas histórias mostram que a realidade econômica da época em que eles circulavam oralmente era muito desigual entre as diferentes classes sociais existentes.

As condições humanas retratadas em muitas das histórias da época, com seus órfãos, madrastas, períodos de fome, fazem dos contos documentos históricos sobre a França entre outros países. Ainda de acordo com os registros feitos por Darnton (apud RADINO, 2003), os camponeses, apesar de livres, tinham que se submeter ao sistema feudal, e isso não lhes dava condições de sustento, então trabalhavam juntos para poder sobreviver. Além disso, contavam histórias como fuga, superando a situação humilhante a que estavam submetidos, contando com a fantasia para escaparem dos abusos cometidos pela elite.

A história da literatura infantil, conforme Coelho (2000), tem início quando a criança passa a ser considerada um “adulto em miniatura” com necessidades de uma educação distinta a qual se prolongava até a vida adulta. Antes disso, a criança acompanhava a vida social de um adulto e consequentemente compartilhava a mesma literatura, as crianças eram distinguidas entre as mais ricas (nobres) e as mais pobres (camponeses). Assim, aquelas pertencentes à nobreza liam, por sua vez, clássicos; já as pobres, liam ou ouviam histórias de aventura, lendas, contos folclóricos, ou seja, uma literatura de interesse das classes populares.

Dessa forma, a literatura infantil constitui-se como gênero em meio as transformações sociais e repercussões no meio artístico. Em 1697, Perrault publica a

obra *Histórias ou contos do tempo passado, com suas moralidades: Contos de Mãe Gansa*. Ganham, então, forma editorial as seguintes histórias: *A Bela Adormecida no bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Gato de Botas*, *As Fadas*, *A Gata Borralheira*, *Henrique do Topete* e *O Pequeno Polegar*. Os contos de fada conhecidos atualmente surgiram na França, final do século XVII, quando Perrault editou as narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, retirando passagens obscenas, de conteúdo incestuoso e canibalismo.

Posteriormente, Charles Perrault trouxe a história moralizadora e mais adequada aos ambientes sociais que conviviam na época. À procura de uma literatura adequada para a infância, foram feitas adaptações nos clássicos e o folclore passou a fazer parte dos contos de fadas; no entanto, os mesmos ainda não eram totalmente voltados para as crianças.

Os primeiros livros para crianças foram escritos por pedagogos, com o único objetivo de práticas pedagógicas, pois a escolarização obrigatória e a importância da educação eram de interesse no desenvolvimento social.

nos começos da literatura infantil estava a Pedagogia e que, ainda hoje, muitas vezes, pedagogia e literatura infantil vão de mãos dadas, às vezes como boas amigas, e outras, a maioria, sofrendo a literatura, como uma pobre e bela Cinderela, a dura perseguição de sua pedagógica e insidiosa madrasta. (GÓES, 1991, p. 49)

Livros infantis surgidos na França de Luís XIV, na segunda metade do século XVII, demonstram sua influência e manifesta preocupação com a educação de jovens e crianças. É no clima de valorização da antiguidade clássica que as narrativas estarão imersas. Logo, a literatura infantil que floresceu nessa época traz consigo estes objetivos. As fábulas de Jean de La Fontaine (1621-1695) dão prova disso, pois, seus argumentos possuem referência em autores gregos, latinos, franceses, medievais, contos populares, parábolas bíblicas, narrativas renascentistas e medievais. No entanto, a riqueza dos escritos literários desse autor, como de tantos outros, acabou por se perder nas várias traduções e, principalmente, pelas adaptações. A linguagem poética, assim como o argumento ou a moral, se encontram adulteradas. O que permanece são os dilemas humanos reinterpretados de acordo com o pensamento de cada época, provavelmente diferente das possíveis intenções do autor. Segundo Coelho (1991, p.107) “a verdade é

que as traduções e adaptações torcem a seu bel-prazer a ‘moral’ dessas fábulas, a ponto de as tornarem o oposto do que pretendia o autor, originalmente”

De acordo com a obra “*O Grande Massacre de Gatos*”, de Robert Darnton, (apud RADINO, 2003) que trata sobre a origem das histórias e o seu significado, entende-se o motivo dos horrores relatados em muitas histórias infantis como: João e Maria, que foram abandonados na floresta, pois os pais eram tão pobres que não tinham como alimentá-los. Tal história reflete um momento histórico que a França estava vivendo: guerras, miséria, período em que a peste e a fome dizimaram parte da população do norte da França (séc. XVII e XVIII).

Segundo Cademartori (1994), La Fontaine também em suas fábulas, denuncia as misérias e as injustiças sociais vividas em seu tempo. Da mesma forma que os textos de La Fontaine, os contos de Perrault também estão repletos de questões morais. O envolvimento de Perrault com a causa feminista traduz-se em sua temática, em que praticamente todas as suas obras estão relacionadas com adversidades vividas por personagens femininos.

Durante o século XVIII, a literatura infantil será marcada pela transição do período clássico para o romantismo, culminando com o aparecimento do conceito de infância no século XIX. A literatura desse período se caracterizará pelos livros de aventura, primeiramente escritos para os adultos e posteriormente adaptados para o universo infanto-juvenil. A juventude e suas inquietações e a busca de crescimento interior são a força que impulsiona a vontade humana assim como os romances. Surge então, a figura do herói, um homem, sobretudo culto e habituado a ler os clássicos, que via no saber e no conhecimento a chance de crescimento daqueles que não tiveram oportunidades.

Dentro desse processo renovador, a criança passa a ser vista como um ser que precisava de cuidados específicos para a sua formação “ser social”. E os novos conceitos de vida, educação e cultura abrem caminho para os novos conceitos nas áreas pedagógica e literária. Pode-se então dizer que é nesse momento que a criança adquire um valor a ser levado em consideração nos contextos social e humano.

1.1 ORIGENS DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

No Brasil a literatura infantil apareceu tarde, no final do século XIX; dessa forma, permanecendo durante muito tempo sob o domínio cultural europeu. Foram décadas de traduções e produções acanhadas quase que exclusivamente baseadas nas produções europeias.

Somente no início do século XX que autores consagrados na “literatura adulta” como Olavo Bilac e José de Alencar, passam a escrever textos considerados como pertencentes à literatura infantil. Quatro períodos são percebidos nesse processo de inserção da literatura no Brasil.

O primeiro período compreende o final do século XIX e início do século XX. A preocupação nesse momento era com a modernização do país e a escola era uma das responsáveis por alcançar esses objetivos, além de incentivar valores patrióticos, principalmente nas crianças. Além disso, obras estrangeiras foram traduzidas e adaptadas para o público infantil brasileiro, porém sérios problemas surgem devido às expressões utilizadas e o afastamento da vivência dos brasileiros em relação aos europeus.

O segundo período compreende os anos entre 1920 - 1945, época marcada por muitos conflitos, entre eles a situação da educação nacional. O índice de analfabetismo estava bastante elevado fazendo que com isso o Brasil se caracterizasse como um país atrasado e para reverter esse quadro se propôs uma reforma educacional, baseando-se nos ideais da chamada Escola Nova.

No Brasil, a Escola Nova buscava a modernização, a democratização, a industrialização e urbanização da sociedade. Os educadores que apoiavam suas ideias entendiam que a educação seria a responsável por inserir as pessoas na ordem social. Também conhecido como escolanovismo, a Escola Nova chegou ao País na década de 1920 com as Reformas do Ensino de vários Estados brasileiros. Inovações artísticas também marcaram esse período, exemplo disso é a tão conhecida Semana de Arte Moderna que aconteceu em São Paulo em 1922.

A respeito da literatura infantil, Monteiro Lobato foi o criador das inovações nesse tipo de literatura. O grande salto na produção literária infantil brasileira acontece com Monteiro Lobato, que introduz uma série de novos elementos tanto formais como em conteúdo. Através de suas obras a linguagem dos personagens se aproximou da linguagem do povo brasileiro.

De acordo com ZILBERMAN (1994), a literatura infantil até Lobato não apresentava uma temática nacional, reproduzindo os padrões vindos da Europa. Ele consegue romper esse círculo, aproveitando nossas tradições folclóricas e seu êxito se deve aos seguintes fatores: personagens que se repetem em todas as narrativas; emprego de crianças como heróis, promovendo imediata identificação com o leitor; ausência de autoritarismo e de imagens adultas repressoras; a opinião das crianças personagens é respeitada, a curiosidade e a criatividade são estimuladas. Assim, novas publicações surgiram direcionadas para o público infanto-juvenil. Os textos passaram a privilegiar o espaço rural no qual o espírito nacionalista predominava.

O folclore constituiu fonte preciosa para revelar um mundo bem brasileiro nos textos infantis. Apesar disso, algumas obras ainda possuíam um caráter pedagógico, pois a ideia de mudar a mentalidade das crianças era uma possibilidade de avanço do país para que este alcançasse o patamar dos países desenvolvidos.

O terceiro período compreende a chegada da democracia pós Era Vargas (décadas de 50 e 60). Os primeiros anos da década de 60 são marcados pelo surgimento dos movimentos de educação popular, no entanto, com o golpe de 1964 a cultura brasileira ficou prejudicada. Segundo Becker (Saraiva, 2001): "a literatura infantil passou a ter um caráter conservador: os temas e o ambiente por ela explorados privilegiam a agricultura", além de ter ainda um caráter até certo ponto patriótico.

O Quarto período compreende o período de 1970 e 1980, marcado por grandes transformações. Na literatura infantil, o número de autores e obras aumentou, a linguagem e o ambiente das histórias estavam mais próximos do cotidiano e da realidade dos brasileiros. Recuperou-se o folclore oral representado pela abordagem das modinhas infantis, canções de ninar e das brincadeiras de roda.

1.2 A IMPORTÂNCIA DE MONTEIRO LOBATO NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

No Brasil o precursor da Literatura Infantil foi José Bento Marcondes Monteiro Lobato (1882-1948), sendo o principal responsável por significativas mudanças no cenário da Literatura Infantil nacional, pois rompeu com o racionalismo tradicional e fez aflorar toda a criatividade que a literatura precisava. Segundo Coelho (1995), a divisão histórico-literária da literatura infantil brasileira, em seus vários períodos, tem em Monteiro Lobato um marco divisor de épocas:

- precursora: período pré-lobatiano (1808-1919)
- moderna: período lobatiano (anos 20/70)
- pós-moderna: período pós-lobatiano (anos 70/dias atuais).

Sua maior preocupação era com a renovação da literatura brasileira, haja vista que pretendia dar um aspecto nacionalista à literatura, sobretudo no que tange a linguagem presente nas obras.

O principal fator do seu sucesso com as crianças foi a tentativa de aproximação das obras com a realidade cotidiana, e também o fato de apresentar o maravilhoso¹ e o real fazendo parte de uma só realidade.

Monteiro Lobato mostrou como a leitura é importante na formação da criança e no seu desenvolvimento moral. O primeiro título infantil publicado no Brasil, *Narizinho Arrebitado*, lançado pela primeira vez em 1921. Uma das principais características do mundo de Lobato para as crianças que nasceu com essa obra foi a presença de personagens folclóricos brasileiros, o autor enriqueceu seus livros e ajudou na nacionalização da cultura brasileira. Graças a ele muitos jovens entraram em contato com lendas nativas e hábitos nacionais.

Outra de suas inovações inclui a mistura de disciplinas na literatura juvenil. Se alguém achava que livros infantis serviam apenas para contar histórias e despertar a imaginação da criança percebeu que estava completamente enganado após conhecer as obras de Monteiro Lobato. Na maioria delas o autor inclui conhecimentos de história, geografia, matemática e outras matérias escolares.

¹ No dizer de Todorov o maravilhoso acontece quando “ se deve admitir novas leis da natureza, pelas quais o fenômeno pode ser explicados” (p. 48) Nas obras de Monteiro Lobato o maravilhoso acontece quando seres pertencentes do folclore brasileiro fazem parte das histórias por ele contadas como por exemplo: o Saci Pererê, a Cuca entre outros, bem como a boneca de pano que fala, o sabugo de milho que fala.

Além disso, Monteiro Lobato é o precursor de uma literatura infantil crítica, pois se preocupa em debater temas públicos, normalmente circunscritos ao mundo adulto, de forma a serem facilmente apreendidos pelas crianças. Dessa forma o autor inova ao se utilizar do humor para desmistificar uma série de pseudoverdades; do folclore brasileiro e o trabalho relacionado à fantasia/realidade.

Não se pode esquecer do uso que Lobato fez da linguagem coloquial bem característica da infância (invenção de palavras) já que a intenção central de suas obras é formar futuros “modificadores da realidade”, por isso é repleta de um conteúdo muitas vezes considerado “subversivo”. Assim, Monteiro Lobato rompe muitas barreiras e uma delas foi dar voz a personagens femininas e infantis visto que, em uma literatura de época extremamente machista em que mulheres só apareciam como interesse romântico ou donzelas em perigo, Lobato incluiu protagonistas femininas em suas obras, como Narizinho e Emília. As personagens também eram, em sua maioria, crianças com opiniões e argumentos e de personalidade forte. Isso serviu de modelo para vários pequenos leitores que se inspiraram nos questionamentos dos personagens em sua formação.

O universo criado por Monteiro Lobato com personagens e histórias diversificadas que aguçam a curiosidade infantil e despertam as crianças para o mundo da imaginação, estimulando a criatividade, levando assim cada leitor à análise primária entre o que é certo e o que é errado. Portanto, obras carregadas de emoção e aventura, capazes de inspirar o gosto pela literatura.

2 LEIS RELACIONADAS À EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo, analisaremos os principais documentos norteadores da educação básica, localizando neles o uso da literatura no ambiente escolar para ilustrarmos melhor como se dá esta dinâmica, uma vez que eles têm uma característica de norteadores e não manuais de instruções.

Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) são divididos em três volumes, voltados para as crianças do berçário a pré-escola (0 aos 5 anos). No volume II do RCNEI, argumenta-se que é por meio da linguagem que a criança pode passar por outras realidades e assim ter acesso a diversas culturas, expressões, fontes de conhecimento. Outra menção, a importância dos livros na educação infantil, está nas atividades rotineiras sugeridas pelo documento, sugestões estas que quem está à frente da sala de aula deve levar em consideração a singularidade de cada aluno e de cada ambiente.

O volume III do referencial, que trata sobre eixos de conhecimento de mundo, em sua seção “linguagem oral e escrita”, traz mais informações a respeito da experiência literária. O documento mostra que gradativamente, a leitura vem tomando novos direcionamentos e passa-se a considerar que é através das diversas formas de entrar em contato com livros, que a criança vai construindo seu conhecimento. (BRASIL, 1998).

O documento ainda indica que “o ato de leitura é um ato cultural e social”, com isto deve-se ter o cuidado na experiência literária de deixar que os indivíduos se sintam livres para explorar, compartilhar, questionar, manusear, organizar, cuidar, pois assim tem-se um sentido maior para a leitura, seja ela qual for escolhida. Por fim, o texto faz mais um aviso: “Ler não é decifrar palavras”, reforçando assim, a importância significativa da leitura como parte integrante do processo de formação do ser. (BRASIL, 1998)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais são divididos por área de conhecimento, estão voltados para o ensino fundamental I e II e o ensino médio, porém para esta seção, o recorte foi o subsídio de língua portuguesa do ensino fundamental I, encontrado no volume II do documento. As práticas de leitura, neste documento, estão sempre relacionadas a formação de um leitor competente e esse por sua vez se tornará um escritor competente. É constantemente lembrado que os textos devem fazer sentidos para quem lê e que deve se ter uma diversidade muito grande de gêneros literários e plataformas literárias. O documento procura alertar a diferença entre qualidade e quantidade, uma vez que nada adianta a escola ter um projeto de um certo número de

livros anuais, se ao final, os alunos não sabem interpretar, criticar ou construir algo significativo em cima.

No ano do documento ainda não havia sido instituída a Lei nº 11.274/06 que regulamenta o ensino fundamental de 9 anos, iniciando a partir dos 6 anos, portanto, em conformidade com o documento da época, considera -se nesta seção a idade de 6 anos como faixa etária integrante da educação infantil do que foi lido. Se bem trabalhado, a literatura pode ser um auxiliar pedagógico muito rico, fazendo com que o professor não seja a única fonte de conhecimento da turma. (BRASIL, 1997). A literatura mantém a sua importância na formação do ser, mas sua função social vai mudando, e acompanha as demandas de cada fase escolar.

A arte de contar histórias se deve conter à rotina do professor, seja qual for a faixa etária das crianças, poderia propiciar as ações pedagógicas de forma interativa e lúdica. Segundo Coelho (2000), o fato de ouvir histórias estimula a criança a adquirir o hábito de leitura por toda sua vida assim sendo, a criança pode ter contato com a literatura tanto em casa como na escola.

Nesse sentido o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998), elaborado pelo Ministério da Educação Nacional e do Deporto, atendendo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), estabelece que a Educação infantil é a primeira etapa da educação básica, e possui como objetivo auxiliar o trabalho educativo no dia-a-dia para que a criança adquira um desenvolvimento íntegro. No que diz respeito a leitura de histórias o RCN (Brasil, 1998, p. 143), afirma que:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence.

Não somente a escola pode reservar o espaço para à leitura, mas é possível estendê-lo ao âmbito familiar, como pode-se observar no RCN (Brasil, 1998, p.135): Deixar as crianças levarem, um livro para casa, para ser lido junto com seus familiares, é um fato que deve ser considerado. As crianças desde muito pequenas podem construir uma relação prazerosa com a leitura. Compartilhar essas descobertas com seus familiares é um fator positivo nas aprendizagens das crianças, dando um sentido mais amplo para a leitura.

Ao levar em consideração apenas o aspecto lúdico presente na legislação brasileira, é possível encontrar algumas leis que fazem referência ao que diz respeito ao papel do estado no que tange o assunto em questão:

- Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – no seu artigo 2º diz que é considerado criança, o indivíduo com doze anos incompletos e adolescente, de doze a dezoito anos. No artigo 59, refere-se ao esforço que os Municípios, Estados e União, em conjunto, deverão fazer, visando proporcionar programações culturais, esportivas e de lazer para a infância e a juventude.

- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCN) (Resolução CEB nº 01, de 7 de abril de 1999) – estipula que as propostas pedagógicas das Instituições de Educação Infantil, devem respeitar os seguintes fundamentos norteadores: princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade, e da diversidade de manifestações artísticas e culturais.

- A declaração dos Direitos das Crianças – Em seu 7º artigo estabelece que: “A criança deve ter a oportunidade de participar de jogos e brincadeiras, dirigidos, sempre que possível, para a sua educação. A sociedade e as autoridades devem se esforçar para promover o exercício deste direito”

- Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – estabelece que as brincadeiras fazem parte das atividades permanentes, que devem ocorrer dentro da instituição de educação infantil.

Desse modo de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, é considerada criança a pessoa que tem até 12 anos, portanto, é criança também, aquela que frequenta o ensino fundamental e, apesar do DCN do ensino fundamental não citar que deva ocorrer situações de ensino – aprendizagem em forma de brincadeiras, estas crianças possuem amparo no ECA e na declaração dos Direitos das Crianças, para poderem ter a brincadeira incluída em sua vivência dentro da escola.

Portanto, a ludicidade, de acordo com a legislação deve se fazer presente dentro do ambiente escolar sendo assim, uma obrigação tanto da sociedade quanto da escola.

3 AS CONTRIBUIÇÕES DAS ATIVIDADES LÚDICAS PARA A INFÂNCIA

A contribuição das atividades lúdicas para a infância ganha importância uma vez que o brincar entre as crianças faz com que elas interajam e adquiram uma primeira vivência a respeito do mundo o qual estão inseridos.

Brincar é uma atividade própria da infância, o meio de estar diante do mundo social e físico, a maneira como a criança interage com objetos e pessoas, lida com seus conflitos e questionamentos: ela tem direito de brincar, enquanto o educador tem o dever de possibilitar o exercício desse direito, assegurando os seus sonhos e o prazer de conviver com as pessoas. A brincadeira serve para provar experiências, múltiplos movimentos e sensações, que viabilizam a vivência de determinadas situações com segurança, sendo um simulacro da realidade. (VYGOTSKY, 2003, p.67)

Por meio desse relato percebe-se o quão são importantes as atividades lúdicas, pois são a essência da infância, e com elas as crianças desenvolvem seu potencial e sua criatividade. A brincadeira é a ferramenta principal para a formação da personalidade da criança como nos afirma Cunha:

É brincando que ela expressa sentimentos e emoções que ela mesma desconhece, é brincando que manifesta suas potencialidades e, assim, através de experiências as mais variadas, vai aprendendo a viver, libertando-se de seus medos e amadurecendo de dentro pra fora, devagarzinho e com segurança que só as coisas naturais e verdadeiras oferecem. (CUNHA, 1995, p.08)

Enquanto a criança brinca ela percebe o outro e aprende que não está sozinha no mundo que a rodeia. O brincar vem então como espaço de partilha, cooperação, competição, atitudes que surgem e são negociadas naturalmente durante a execução da atividade lúdica na Educação Infantil. Analisando estudos sobre o brincar na Educação Infantil percebe-se que o brincar é fundamental desde que nascemos e por meio do brincar a criança recria o mundo que a cerca.

3.1 Os caminhos percorridos pela ludicidade

Etimologicamente, o termo lúdico tem sua origem na palavra latina “*ludus*” que quer dizer “jogos” e “brincar”. Segundo Almeida (2003, p.19) “Os jogos constituíram sempre uma forma de atividade inerente ao ser humano”. Dessa forma o indivíduo desde sua existência traz um traço de brincadeiras em suas atividades, seja ela como, divertimento, prazer natural, ou até mesmo como forma de sobrevivência.

Ainda segundo o autor “ Na Grécia Antiga um dos maiores pensadores, Platão (427-348), afirmava que os primeiros anos da criança deveriam ser ocupados com jogos educativos, praticados em comum pelos dois sexos”. Para o autor “A partir do século XVI, os humanistas começaram a perceber o valor educativo dos jogos, e os colégios jesuítas foram os primeiros a colocá-los em prática”.

Dessa forma percebe-se que o lúdico em sua trajetória veio através do tempo adquirindo valor e aguçando pensamentos para sua importância enquanto uma ferramenta presente no processo educativo e por sua vez, facilitando o ensino e a aprendizagem.

O renascimento vê a brincadeira como conduta livre que favorece o desenvolvimento da inteligência e facilita o estudo. Por isso foi adotada como instrumento de aprendizagem de conteúdos escolares. Para se contrapor aos processos verbalistas de ensino, à palmatória vigente, o pedagogo deveria dar forma lúdica aos conteúdos (KISHIMOTO, 2002, p. 62)

Assim como no Renascimento, atualmente as brincadeiras passaram a ter novos significados, principalmente na educação, pois uma das várias formas de ensinar é através da ludicidade e assim pode vir a ser importante instrumento no desenvolvimento do ensino aprendizagem dos alunos. No entanto, para que o educador possa vivenciar essa prática no cotidiano escolar, ele precisa fazer uma reflexão de como o lúdico fez ou faz parte da sua vida.

Assim Schwartz (2004, p.3) ressalta: “Para que possamos pensar em ensinar, talvez devêssemos, de início, recordar o que aprendemos sobre brincar”. Nesse sentido, é importante ressaltar que o lúdico desenvolve uma visão de mundo mais real uma vez que, as descobertas e a criatividade possibilitam à criança se expressar, analisar, criticar e transformar a realidade. Inclusive, a educação lúdica bem aplicada e compreendida contribui para a melhoria do ensino, tanto na qualificação ou formação crítica do

educando, quanto para redefinir valores e para melhorar o relacionamento das pessoas socialmente.

3.2 O imaginário lúdico e a contação de histórias

De acordo com Bettelheim (1996), as histórias representam, imaginariamente, aquilo em que consiste o processo de desenvolvimento humano. Assim, o conto não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse primeiro e sobretudo, entendido como uma obra de arte. Desse modo contar histórias, além de trabalhar a emoção também pode ser compreendido como uma atividade lúdica que socializa, educa e informa. Assim sendo, contar histórias na educação infantil é uma maneira de ensinar valores e convivências, e também uma forma de despertar na criança o interesse pela leitura como afirma Coelho:

Há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem - se ficarem quietos, conto uma história, se isso", "se aquilo..."- quando o inverso que funciona. A história aquietta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa. (COELHO, 1999, p.12).

É na infância, quando a criança está em uma fase de desenvolvimento e descobertas, que lhe deve ser proporcionado este contato com os livros, fazendo assim com que ela perceba que por meio dos livros ela pode aprender a escrever, a imaginar, a criar e a descobrir o mundo ao seu redor.

A Contação de histórias ganhou espaço maior, e passou a ser entendida como valioso instrumento no processo educativo, devido ao seu caráter lúdico. Contar histórias passou a ser compreendido como uma possibilidade bastante rica nas escolas, já que a contação de histórias pode e deve acontecer desde a mais baixa idade das crianças, pois o hábito de ouvir histórias desde cedo ajuda na formação de identidades; no momento da contação, cria-se uma relação de troca entre o contador e seus ouvintes, o que faz com que toda a bagagem cultural e afetiva destes ouvintes venha à tona, assim, levando-os a ser quem são.

A contação de histórias no desenvolvimento infantil ganha importância, por ser recreativa, educativa, afetiva, aumentando horizontes, estimulando a criatividade, criando hábitos, despertando emoções, valorizando sentimentos e também por estimulando ainda a socialização e desenvolve a atenção. Neste sentido, contar histórias

é sobretudo, uma experiência interacional pois, constitui um relacionamento cordial entre a pessoa que conta e os que ouvem já que, a interação que se estabelece aproxima os sujeitos envolvidos.

Pode-se dizer que a Literatura Infantil vai além do prazer que a criança sente em ouvir histórias. Essa literatura pode auxiliar a construir os primeiros sentimentos da criança como valores e ideias. Desse modo, entende-se que um educador que possua uma postura ativa e estimuladora, conseguirá incitar futuros leitores críticos e criativos. Como afirma Abramovich:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente o que as narrativas provocam em quem as ouve. (ABRAMOVICH, 2005, p.17)

Diferentes autores como Coelho (2000), Abramovich (2005), Meireles (1984), afirmam que, para conseguir transmitir toda emoção da história e fazer com que o ouvinte possa sentir toda essa emoção é necessário pois, que o narrador faça uma leitura prévia do texto: o contador de história deve se preparar, pronunciar nomes específicos da mesma forma que o autor quis expressar em sua obra, entonações e variações de vozes para dar o “efeito” necessário para fantasiar a história, o narrador precisa estar preparado para lidar com palavras que não são utilizadas cotidianamente, bem como, com questões que podem surgir a partir de novas interpretações da história feitas pelos próprios alunos.

Assim o leitor adulto pode contar qualquer história para as crianças, desde que esteja “preparado”, ou seja, que tenha estudado o texto antes da narração como afirma Abramovich:

qualquer história pode ser contada,[...] desde que ela seja bem conhecida pelo contador, escolhida porque a ache particularmente bela ou boa, porque tenha uma boa trama, porque seja divertida ou inesperada ou porque dê margem para alguma discussão que pretende que aconteça, ou porque acalme uma aflição...o critério é do narrador... e o que pode se suceder depois depende do quanto ele conhece suas crianças. (ABRAMOVICH, 2005, p. 20)

Assim sendo, o contato das crianças com os livros e as histórias são essenciais. As crianças experimentam a leitura observando o mundo a sua volta. O aprendizado da linguagem também faz parte do mesmo processo de compreensão dos símbolos, assim

as palavras representam todas as coisas do mundo real, e podem servir para traduzir o mundo imaginário.

Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa capacidade de designar é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por de trás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora são jogos de palavras. Assim ao dar expressão à vida o homem cria um outro mundo poético, ao lado da natureza. (HUIZINGA, 1988, p. 7)

A vida da criança é uma sucessão de experiências de aprendizagem adquiridas por ela mesma de diversas formas. Ao chegar à escola, ela carrega consigo infinitas experiências, conquistadas por meio da exploração visual, auditiva, jogos, brincadeiras, brinquedos, passeios, contatos, conversas, histórias que influenciam em como ela aprende.

Em contato com os livros, a criança se depara com um mundo cheio de “atrações”, são elas: letras, palavras, figuras, cores, etc. A criança passa a fazer parte deste mundo maravilhoso principalmente se puder integrá-lo, e se essa integração for transformada em um grande ato lúdico (participativo, prazeroso) esta é a proposta, que a criança possa aprender brincando e usando o vocabulário do seu dia a dia de forma a tornarem o aprendizado afetivo e agradável.

Entretanto, a atividade lúdica, na busca de novos conhecimentos, exige do professor uma ação ativa, investigativa, reflexiva, socializadora e criativa em total oposição à passividade, submissão, alienação e reflexão, condicionamentos que se fazem presentes nas práticas que utilizam abordagens de ensino e aprendizagem tradicionais.

O desejo pela leitura passa a existir a partir da experimentação, do contato e da relação, assim é com o livro, com aprender a gostar a ler, ou seja, a criança necessita deste encontro para realmente sentir-se despertada primeiramente a ouvir e posteriormente para ler. O adulto é o primeiro mediador desse encontro.

A leitura infantil é extremamente eficaz em estimular a imaginação. Durante o seu período de desenvolvimento, a criança deve ser instigada e motivada a buscar os conteúdos dos livros, esse estímulo inicial é muito importante, pois levam as crianças a folhear os livros, despertam o gosto pela leitura, fazendo com que desejem com maior frequência o momento de contação de histórias.

A literatura instiga a criança a expor seus pensamentos e opiniões, usando a linguagem tornando-se dessa forma um subsídio no qual o leitor estabelece conceitos a partir de objetivos e conhecimentos, assim cada criança procura se assemelhar com os personagens dos contos.

A literatura infantil é fundamentalmente constituída, por pressupostos lúdicos, de fantasia, que em grande parte são mágicos, levando a criança a um mundo fantástico.

Os brinquedos possuem outras características, de modo especial a de ser objeto portador de significados rapidamente identificados ele remete o elemento legíveis do real ou do imaginário das crianças. Neste sentido, o brinquedo é dotado de um forte valor cultural, se definirmos a cultura, como um conjunto de significações que permitem compreender determinada sociedade e cultura. (BROUGERE, 1997, p.8)

Diante do que foi citado, percebe-se que muitas vezes os brinquedos e as atividades lúdicas, foram e são, os responsáveis pela transmissão da cultura de um povo, passando de geração para geração. Tais atividades lúdicas possuem objetivos diversos usados para divertir, outras vezes para socializar, para promover a aproximação entre as pessoas e, num contexto pedagógico podem ser utilizadas como um instrumento para repassar conhecimento, em sala de aula, essa transmissão pode ser feita com auxílio de fantoches, perucas, máscaras, fantasias, entre outros instrumentos que irão ajudar no enriquecimento do momento de contação de histórias.

A contação de histórias pode ser considerada um dos aspectos mais importantes para a criança como ponto de partida para aquisição de conhecimentos, meio de comunicação e socialização. Inicialmente o livro é só um brinquedo. É na presença do adulto, no momento em que o mesmo leva a criança a iniciar seu relacionamento com ele (livro) é que a fará descobrir seu verdadeiro sentido e suas infinitas possibilidades.

A infância é o período mais adequado para haver maior dedicação e preocupação no desenvolvimento da leitura, já que é necessário que se mostre à criança o que precisa ser construído por ela no que diz respeito ao aprendizado da leitura, onde o adulto leitor experiente tem a função de tornar possível a aprendizagem desta atividade. Para facilitar a entrada da criança no mundo da leitura e da escrita, o adulto deve ler para ela e obviamente, para ela já que no dizer de Abramovich (2005, p. 23) “o escutar pode ser o início da aprendizagem para se tornar leitor”. Ouvir muitas e muitas histórias é importante para poder mergulhar em universo repleto de descobertas e de compreensão do mundo, pois ouvindo histórias pode-se também sentir uma gama de emoções

importantes, como a raiva, a tristeza, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade.

Enfim, ouvir narrativas é uma provocação para mergulhar em sentimentos, memórias e imaginações. As histórias podem fazer a criança ver o que antes não via, sentir o que não sentia e criar o que antes não criava. O mundo pode se tornar outro, com mais significados e mais compreensões.

É de responsabilidade do leitor adulto, mostrar à criança como os textos que circulam no cotidiano podem ser utilizados a fim de que a mesma compreenda seus sentidos e dessa forma também interaja com aqueles. A criança só é capaz de compartilhar deste mundo quando compreende o seu significado. Ela descobre a diferença entre a fala e a escrita, ambos necessários a aprendizagem inicial da leitura.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo serão apresentados os passos de nossa pesquisa. Discorreremos sobre aspectos como: o ambiente da pesquisa, os instrumentos utilizados na coleta dos dados e, para concluir, a forma de abordagem dos dados pesquisados.

4.1 Participantes

A pesquisa foi realizada com duas docentes de diferentes turmas do Maternal. E nesse trabalho serão identificadas como professora A e professora B. A escolha da turma do Maternal se dá em virtude do fato de entender que é nesta série que a criança inicia seu contato com a contação de histórias, e desta maneira faz-se necessário que haja por meio do docente incentivo para que as crianças mergulhem no mundo imaginário da leitura.

4.2 Ambiente

As entrevistas foram realizadas em uma escola da rede particular do município de Castanhal que atende às séries iniciais nos turnos manhã e tarde.

4.3 Instrumentos para a coleta dos dados

Para realizar a pesquisa, utilizamos um questionário semiestruturado, que deu suporte para as entrevistas gravadas em áudio, feitas com as professoras. Uma vez coletados os dados, a análise foi feita através de tabelas.

A coleta de dados, foi feita por meio de uma entrevista, que, de acordo com Gerhardt e Silveira:

Constitui uma técnica alternativa para se coletarem dados não documentados sobre determinado tema. É uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra apresenta como fonte de informação (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 57).

A entrevista foi feita de maneira oral e semiestruturada, visto que, para Ludke e André (2007), a mesma possui seu roteiro flexível, ou seja, as perguntas podem ser adaptadas a mudanças repentinas.

4.4 Pesquisa de Campo

No que se refere ao tipo da pesquisa que orientou nosso trabalho optou-se por uma abordagem de aspecto qualitativo, pois “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009. p.31)

O procedimento da pesquisa foi de campo, pois de acordo com Ruiz (1996):

A pesquisa de campo consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para ulteriores análises. Esta espécie de pesquisa não permite o isolamento e o controle das variáveis supostamente relevantes, mas permite o estabelecimento de relações constantes entre determinadas condições - variáveis independentes – e determinados eventos – variáveis dependentes-, observadas e comprovadas. (RUIZ, 1996, p. 50)

Ainda fazendo referência aos procedimentos, a pesquisa se apresentará como estudo de caso, segundo Fonseca apud Gerhardt e Silveira, (2009):

Um estudo de caso pode ser considerado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer uma profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revela-lo tal como ele o percebe. (FONSECA apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 39).

Os autores definem a etapa da pesquisa, ou seja, a análise das informações como,“(...) etapa que faz o tratamento das informações obtidas pela coleta de dados para apresentá-la de forma a poder comparar os resultados esperados pelas hipóteses” (QUIVY e CAMPENHOUDT apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 58). Os dados foram utilizados para a realização das análises.

5 RESULTADOS DA PESQUISA

Neste capítulo serão apresentadas as análises das entrevistas realizadas com as professoras de diferentes turmas do Maternal. Para que as informações obtidas fossem exploradas da melhor forma, foram utilizadas tabelas, para que fosse possível identificar as respostas das professoras para cada uma das perguntas e a partir disto discorrer sobre a questão.

5.1 Frequência da contação de histórias em sala de aula

O professor tem um desafio grande e um papel muito importante em relação às mudanças na sociedade. Ler precisa ser algo bom e habitual, um prazer nunca visto como um sacrifício, tem de ser sempre desejado, tornando a leitura algo que faça tanta falta "como o pão para a boca". (Cavalcanti, 2009).

De acordo com as professoras entrevistadas todos os dias há o momento da contação de histórias, para elas o hábito de contar histórias é muito importante, torna-se a maneira de construção do conhecimento mesmo antes de saber ler, pois, é de ouvi-las que se aproxima a relação com o mundo, fazendo do momento de contar e ouvir o estímulo para manter viva a importância da leitura, pois, segundo Abramovich (1989, p. 16) salienta que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”.

Tabela 1 – Frequência da contação de histórias em sala de aula

COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ CONTA HISTÓRIAS EM SALA DE AULA?	
Professora A	Professora B
Todos os dias nós temos o momento da hora do conto, e nós planejamos esse momento, porém às vezes com alguma eventualidade, nós flexionamos esse tempo, que pode ser no começo da aula, depois do lanche, ou no finalzinho... (da aula), depende muito do cotidiano.	Olha, todos os dias têm a hora do conto para as crianças, as vezes no começo da aula, ou no final, mas nós gostamos de contar todos os dias.

5.2 Finalidade da contação de histórias

Contar histórias na infância é muito importante para a formação da criança, já que é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é compreender não só as histórias escritas como os acontecimentos do seu cotidiano.

Para a professora A, contar histórias é importante porque desenvolve a imaginação, a oralidade, além de estimular a criatividade, permitindo também que a criança conheça diferentes lugares e culturas.

Para a professora B, a finalidade de contar histórias é fazer com que a criança relacione a história contada com o assunto planejado para o dia, de uma maneira que a própria criança faça uma comparação e o entendimento do assunto a ser transmitido.

É também contando histórias que se prepara a criança para lidar com mais segurança suas próprias dificuldades ou encontrar uma alternativa para sua resolução. É por meio delas que se pode sentir e viver importantes emoções como: raiva, tristeza, alegria, tranquilidade e tantas outras, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve. Abramovich (2005, p. 17) diz também que ler “... é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!”

Com isso, utilizar a contação de histórias em sala de aula faz com que todos ganhem, seja a criança, que será induzida a imaginar e criar, seja o professor, que fará de sua aula muito mais agradável e produtiva, além de alcançar o objetivo pretendido, a aprendizagem.

Tabela 2 – Finalidade da contação de histórias

COM QUE FINALIDADE VOCÊ CONTA AS HISTÓRIAS?	
Professora A	Professora B
É... o objetivo que eu conto a história na sala de aula, é principalmente pela riqueza que ela traz para o aprendizado do aluno, pois é ali que ele desenvolve a imaginação, desenvolve a oralidade, e consegue criar muitas coisas a partir da leitura, sem falar que a leitura vem apresentar ao aluno diversas culturas e lugares diferentes, é através da leitura que ele pode conhecer a história, o que ficou no passado, pode ir para o futuro, então tudo isso é importantíssimo para o aprendizado dele.	Bem a finalidade é de acordo com o assunto do dia, de acordo com o que foi planejado para o dia, por exemplo, se a gente quer tratar do assunto “inclusão”, a gente faz a contação da história do patinho feio, de uma maneira que eles possam fazer a comparação e o entendimento do assunto abordado.

5.3 Utilização de recursos para a contação de histórias

A utilização de recursos torna a contação de histórias muito mais fascinante, pois o uso de tais ferramentas, estimula a imaginação da criança e contribuem para aproximar a criança da história narrada naquele momento.

As duas professoras acham importante e utilizam recursos diferentes durante a contação. Para a professora A tudo depende da importância dada ao material, pois até uma caneta pode “se transformar em uma varinha de condão”, mostrando que um simples material de sala de aula pode ser utilizado nesse momento tornando-o ainda mais encantador, mas a mesma relata que dependendo da história, utiliza também chapéu e roupa diferentes. Para a professora B, os recursos são utilizados para que esse momento se torne ainda mais prazeroso para a criança. Fantoques e avental foram os citados.

Segundo Ramos (2011), as palavras proferidas pelo contador são como linhas desenhadas pelo ar. Enquanto o contador liberta as palavras presas no texto, o ouvinte, leitor indireto do texto narrado, vai criando e interpretando os desenhos, adentrando-se em um mundo mágico e tornando-se coautor da história. Como salienta Sisto (2005, p.20) “o que vale mais é sentir a liberdade de ser co-autor da história narrada e poder receber a experiência viva e criada na imaginação, o cenário, as roupas, as caras dos personagens”.

Tabela 3 – Utilização de recursos para a contação de histórias

VOCÊ UTILIZA RECURSOS AO CONTAR AS HISTÓRIAS? QUAIS?	
Professora A	Professora B
Sim, diversos materiais a gente utiliza, se você já planejou a história já pode ir separando o material, que pode ser desde uma roupa diferente, um chapéu, uma varinha de condão ou também pode ser utilizado material da sala de aula, é... tudo depende da importância que você dá para aquele material, se você pega uma caneta e transforma em uma varinha de condão, as crianças se encantam com aquilo e todos vão querer aquela varinha de condão, porque pra eles é algo mágico e diferente.	Sim, utilizamos os livros, fantoches, avental, tudo o que o conto pede, para que esse momento se torne ainda mais encantador e mágico, todos os recursos que são utilizados são para tornar o momento ainda mais prazeroso para eles.

5.4 Técnicas para a contação de histórias

Para contar histórias e prender a atenção das crianças, é necessário que o contador exerça influência tanto sobre aspectos intelectuais quanto emocionais da criança e com isso possa estimular a imaginação, a criatividade e a curiosidade dos ouvintes.

Quando questionadas sobre as técnicas utilizadas para a contação de histórias, ambas as professoras foram unânimes em falar do tom de voz, que muda de acordo com os personagens da história contada. A Professora A afirma que é interessante que a criança participe da história, ou mesmo que a história possa ser contada em lugares diferentes, tudo para que o momento seja único e agradável.

Para contar uma história é preciso saber como se faz, afinal podem se descobrir sons e palavras novas, e por isso é importante que se tenha uma metodologia específica. É preciso que quem conte, crie um clima de envolvimento, de encanto, e saiba dar pausas necessárias para que a imaginação da criança possa ir além e construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar os seus dragões, adentrar pela sua floresta, vestir a princesa com a roupa que está inventando, pensar na cara do rei... e tantas outras coisas mais... (ABRAMOVICH, 2005, p. 20).

A voz assume grande importância no ato de contar histórias, um bom contador, envolve a todos, e isto se faz com o uso de recursos vocais de modulação de voz, desde os sons mais graves, aos mais agudos, variação de intensidade, por exemplo, falar mais alto e mais baixo, onomatopeias como: os sons de vento, chuva, relógio, etc..

Tabela 4 – Técnicas para a contação de histórias

UTILIZA TÉCNICAS DIFERENTES PARA CONTAR AS HISTÓRIAS? QUAIS?	
Professora A	Professora B
Sim, as técnicas elas são diversas né, vão desde os gestos, o tom da voz, você pode também fazer a criança participar no momento da história, se tem algum som de animal, você pode incentivar a criança fazer o som, ou em lugares diferentes, que possam estimular esse momento e que torne mais agradável para a criança para que ela crie esse hábito pela leitura.	Sim, utilizamos várias técnicas, o tom da voz por exemplo, muda de acordo com cada personagem, é uma forma de prender a atenção e transmitir a emoção e a mensagem que aquela historinha quer passar.

5.5 A contação de histórias e a receptividade das crianças

A contação de histórias é um momento mágico que envolve tanto o professor quanto a criança, esse momento torna-se ainda mais prazeroso quando planejado e bem executado.

Em relação a receptividade das crianças no que diz respeito a contação de histórias, a professora A relata que é um momento muito prazeroso e aceito com muita tranquilidade, todos os dias esse momento é aguardado ansiosamente.

Para a professora B o momento da contação é aceito de maneira positiva, e um momento de muito lazer, e ela ainda revela que para ela é uma maneira divertida de educar e de fazer com que elas aprendam e sintam vontade de ler e viajar nesse mundo mágico que é a leitura.

Nesse sentido no que tange a contação de histórias a receptividade acontece, pois esse é um momento prazeroso que desperta emoções diversas como afirma Abramovich:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente o que as narrativas provocam em quem as ouve. (ABRAMOVICH, 2005, p.17)

O professor tem um papel muito importante na contação de histórias, pois, o que vai contar, e como vai contar, interfere diretamente no que a criança vai sentir ao ouvir a história.

Tabela 5 – A contação de histórias e a receptividade das crianças

NO QUE DIZ RESPEITO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, COMO VOCÊ OBSERVA A RECEPTIVIDADE DAS CRIANÇAS?	
Professora A	Professora B
Eu observo que elas gostam muito desse momento, tanto que quando está no planejamento, e nós mostramos para elas o planejamento do dia elas já nos cobram aquele momento do conto, então eles aceitam com muita tranquilidade, é muito prazeroso esse momento.	Recebem de uma maneira muito positiva, pra elas é um momento de lazer, e pra nós professores, uma maneira divertida de educar, de fazer com que elas aprendam e sintam vontade de ler e viajar nesse mundo mágico que é a leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos realizados no presente trabalho procuraram fazer uma reflexão sobre como a contação de histórias se relaciona com a ludicidade e dessa forma tornam-se uma ferramenta eficaz de ensino aprendizagem. Analisamos de que maneira a literatura infantil ao longo da história, constituiu-se como um instrumento de ensino presente em sala de aula, desenvolvendo nas crianças sentimentos diversos e estimulando a imaginação e a criatividade.

Assim, utilizando referenciais teóricos diversos, percebemos a contação de histórias como um momento prazeroso, de misturas de emoções, e que tal momento pode ser acompanhado de recursos que tornem a contação um momento de fantasia e de estímulo a criatividade. Percebemos ainda que, para as educadoras entrevistadas, tais práticas neste caso específico a contação de histórias, quando envolvem a ludicidade, trazem também uma reflexão sobre suas atividades cotidianas e compreendem a importância do lúdico como uma ferramenta de ensino.

Desse modo, é estimulando as crianças a imaginar, criar, envolver-se, que favorecemos o enriquecimento e desenvolvimento da personalidade, por isso, é de fundamental importância o conto em sala de aula; acredita-se também, que a contação de história pode interferir de maneira significativa sobre a aprendizagem, já que o fantasiar e o imaginar antecede a leitura.

Ainda de acordo com os estudos feitos neste trabalho, a criança se iguala a vivência dos personagens para desenvolver as suas aventuras, pois identifica-se com tudo o que lhe é contado e ainda com as experiências dos mesmos, e com isso pode desenvolver maneiras diferentes de lidar com as diversas situações do dia a dia, por esse motivo o professor tem um papel muito importante na escolha da história a ser contada e a forma como irá contá-la.

Portanto, afirma-se com o estudo feito que a contação de histórias torna-se uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento das crianças, favorecendo sua relação com o mundo que a cerca, respondendo assim as suas necessidades afetivas e intelectuais pelo contato com o conteúdo simbólico das leituras que lhes são apresentadas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5ª edição. São Paulo: Scipione, 2005.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica: Prazer de estudar, técnicas e jogos Pedagógicos**. Editora Loyola 11ª ed. São Paulo, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981

BECKER, Celia Doris. História da literatura infantil brasileira. In: SARAIVA, Juracy Assmann (org.). **Literatura e Alfabetização, do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre, 2001. p.35-41.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC / SEF, 1998. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Arte : Ensino de quinta a oitava séries. I.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Documento Introdutório. Brasília: MEC/SEF, 1998.v. 1. <
http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2017.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Documento Introdutório. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 2. <
http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol2.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2017.

_____. Ministério da Educação. CNE/CEB. **Resolução nº 3**, de 03 de agosto de 2005. Define normas nacionais para a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos de duração. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/ind>> Acesso em 27 de julho de 2017.

_____. **Lei nº. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 25 de julho de 2017.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez. 1997.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. 3º Ed. São Paulo: Paulus, 2009.

COELHO, Bethy. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil**. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**: séculos XIX e XX. São Paulo: EDUSP, 1995

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: Teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000

CUNHA, Nylse H. S. Brinquedoteca. Revista do Professor, Porto Alegre. V.11, n.44, p. 7-8, Outubro / dezembro 1995.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos da Pesquisa, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em 10 de agosto de 2017.

GOÉS, Lucia Pimentel. **Introdução a literatura infantil e juvenil**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1991

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo : Perspectiva, 1988.

KISHIMOTO, Tizuko M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

MEIRELES, Cecília. **Problemas de Literatura Infantil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1984.

RADINO, Glória. **Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

RAMOS, Ana Cláudia. **Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?**. Londrina, 2011.

SCHUWARTZ, Gisele Maria (org.), **Dinâmica Lúdica: novos olhares**. Manole; Barueri-SP, 2004.

SISTO, C. A. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 2ªed. SP: Perspectiva, 1992.
ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias autores e textos**. 4º ed. Global Universitária: São Paulo, 1993.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 8ª ed. São Paulo: Global, 1994

VYGOTSKY, Lev S. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO

1. QUANTO TEMPO VOCÊ TRABALHA COM O MATERNAL?
2. NO PLANEJAMENTO DE AULA VOCÊ INCLUI E REGISTRA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS?
3. COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ CONTA HISTÓRIAS EM SALA DE AULA?
4. COM QUE FINALIDADE VOCÊ CONTA AS HISTÓRIAS?
5. VOCÊ UTILIZA RECURSOS AO CONTAR AS HISTÓRIAS? QUAIS?
6. UTILIZA TÉCNICAS DIFERENTES PARA CONTAR AS HISTÓRIAS? QUAIS?
7. NO QUE DIZ RESPEITO À CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, COMO VOCÊ OBSERVA A RECEPTIVIDADE DAS CRIANÇAS?

APÊNDICE 2 – ENTREVISTA PROFESSORA A

1. QUANTO TEMPO VOCÊ TRABALHA COM O MATERNAL?

-Bom, na educação infantil eu estou há 6 anos, com o maternal II há 5 anos

2. NO PLANEJAMENTO DE AULA VOCÊ INCLUI E REGISTRA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS?

-Sim, o nosso planejamento é diário, e nele nós incluímos a hora do conto.

3. COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ CONTA HISTÓRIAS EM SALA DE AULA?

-Todos os dias nós temos o momento da hora do conto, e nós planejamos esse momento, porém as vezes com alguma eventualidade, nós flexionamos esse tempo, que pode ser no começo da aula, depois do lanche, ou no finalzinho... (da aula), depende muito do cotidiano.

4. COM QUE FINALIDADE VOCÊ CONTA AS HISTÓRIAS?

-É... o objetivo que eu conto a história na sala de aula, é principalmente pela riqueza que ela traz para o aprendizado do aluno, pois é ali que ele desenvolve a imaginação, desenvolve a oralidade, e consegue criar muitas coisas a partir da leitura, sem falar que a leitura vem apresentar ao aluno diversas culturas e lugares diferentes, é através da leitura que ele pode conhecer a história, o que ficou no passado, pode ir para o futuro, então tudo isso é importantíssimo para o aprendizado dele.

5. VOCÊ UTILIZA RECURSOS AO CONTAR AS HISTÓRIAS? QUAIS?

-Sim, diversos materiais a gente utiliza, se você já planejou a história já pode ir separando o material, que pode ser desde uma roupa diferente, um chapéu, uma varinha de condão ou também pode ser utilizado material da sala de aula, é... tudo depende da importância que você dá para aquele material, se você pega uma caneta e transforma em uma varinha de condão, as crianças se encantam com aquilo e todos vão querer aquela varinha de condão, porque pra eles é algo mágico e diferente.

6. UTILIZA TÉCNICAS DIFERENTES PARA CONTAR AS HISTÓRIAS? QUAIS?

-Sim, as técnicas elas são diversas né, vão desde os gestos, o tom da voz, você pode também fazer a criança participar no momento da história, se tem algum som de

animal, você pode incentivar a criança fazer o som, ou em lugares diferentes, que possam estimular esse momento e que torne mais agradável para a criança para que ela crie esse hábito pela leitura.

7. NO QUE DIZ RESPEITO À CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, COMO VOCÊ OBSERVA A RECEPTIVIDADE DAS CRIANÇAS?

-Eu observo que elas gostam muito desse momento, tanto que quando está no planejamento, e nós mostramos para elas o planejamento do dia elas já nos cobram aquele momento do conto, então eles aceitam com muita tranquilidade, é muito prazeroso esse momento.

APÊNDICE 3 – ENTREVISTA PROFESSORA B

1. QUANTO TEMPO VOCÊ TRABALHA COM O MATERNAL?

-3 anos, de maternal 3 anos, esse é o 3º ano que eu estou no maternal.

2. NO PLANEJAMENTO DE AULA VOCÊ INCLUI E REGISTRA A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS?

-Sim, no planejamento é incluído e registrado esse momento.

3. COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ CONTA HISTÓRIAS EM SALA DE AULA?

-Olha, todos os dias têm a hora do conto para as crianças, as vezes no começo da aula, ou no final, mas nós gostamos de contar todos os dias.

4. COM QUE FINALIDADE VOCÊ CONTA AS HISTÓRIAS?

-Bem a finalidade é de acordo com o assunto dia, de acordo com o que foi planejado para o dia, por exemplo, se a gente quer tratar do assunto “inclusão”, a gente faz a contação da história do patinho feio, de uma maneira que eles possam fazer a comparação e o entendimento do assunto abordado.

5. VOCÊ UTILIZA RECURSOS AO CONTAR AS HISTÓRIAS? QUAIS?

-Sim, utilizamos os livros, fantoches, avental, tudo o que o conto pede, para que esse momento se torne ainda mais encantador e mágico, todos os recursos que são utilizados são para tornar o momento ainda mais prazeroso para eles.

6. UTILIZA TÉCNICAS DIFERENTES PARA CONTAR AS HISTÓRIAS? QUAIS?

-sim, utilizamos várias técnicas, o tom da voz por exemplo, muda de acordo com cada personagem, é uma forma de prender a atenção e transmitir a emoção e a mensagem que aquela historinha quer passar.

7. NO QUE DIZ RESPEITO À CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, COMO VOCÊ OBSERVA A RECEPTIVIDADE DAS CRIANÇAS?

-Recebem de uma maneira muito positiva, pra elas é um momento de lazer, e pra nós professores, uma maneira divertida de educar, de fazer com que elas aprendam e sintam vontade de ler e viajar nesse mundo mágico que é a leitura.